

A Venerável Doroteia de Chopitea

Quem era Doroteia de Chopitea? Era uma cooperadora salesiana, uma verdadeira mãe dos pobres da cidade de Barcelona, criadora de numerosas instituições a serviço da caridade e da missão apostólica da Igreja. Sua figura assume hoje uma importância especial e nos encoraja a imitar seu exemplo de ser “misericordiosos como o Pai”.

Um biscaio [de Biscaia, província espanhola] no Chile

Em 1790, durante o reinado de Carlos IV, um biscaio, Pedro Nicolás de Chopitea, natural de Lequeitio, emigrou para o Chile, então parte do Império Espanhol. O jovem emigrante prosperou e se casou com uma jovem crioula, Isabel de Villota.

Dom Pedro Nolasco Chopitea e Isabel Villota estabeleceram-se em Santiago do Chile. Deus lhes concedeu uma família numerosa de 18 filhos, embora apenas 12 tenham sobrevivido, cinco meninos e sete meninas. A mais nova nasceu, foi batizada e crismada no mesmo dia: 5 de agosto de 1816, recebendo os nomes de Antonia, Doroteia e Dolores, embora sempre fosse conhecida como Doroteia, que em grego significa “dom de Deus”. A família de Pedro e Isabel era abastada, cristã e comprometida em usar seus bens em benefício das pessoas pobres ao seu redor.

Em 1816, ano do nascimento de Doroteia, os chilenos começaram a exigir abertamente a independência da Espanha, que foi conseguida em 1818. No ano seguinte, Don Pedro, que havia se alinhado com os monarquistas, ou seja, a favor da Espanha, e havia sido preso por isso, transferiu sua família para Barcelona, do outro lado do Atlântico, para que a turbulência política não comprometesse seus filhos mais velhos, embora continuasse a manter uma densa rede de relações com os círculos políticos e econômicos do Chile.

Na grande casa em Barcelona, Doroteia, de três anos, foi confiada aos cuidados de sua irmã Josefina, de doze anos. Assim, Josefina, mais tarde “Irmã Josefina”, foi para a pequena Doroteia a “pequena jovem mãe”. Doroteia se confiava à irmã com todo afeto, deixando-se guiar com docilidade.

Quando tinha treze anos, a conselho de Josefina, tomou como diretor espiritual o padre Pedro Nardó, da paróquia de Santa Maria do Mar. Durante 50 anos, ele foi seu confessor e conselheiro em momentos delicados e difíceis. O padre lhe ensinou com bondade e força a “desapegar seu coração das riquezas”.

Durante toda a sua vida, Doroteia considerou as riquezas de sua família não como uma fonte de diversão e dissipação, mas como um grande meio colocado em suas mãos por Deus para fazer o bem aos pobres. O P. Pedro Nardó a fez ler muitas vezes a parábola evangélica do homem rico e do pobre Lázaro. Como sinal distintivo cristão, ele aconselhou Josefina e Doroteia a se vestirem sempre com recato e simplicidade, sem os ornatos de fitas e gaze de seda leve que a moda da época impunha às jovens aristocráticas.

Doroteia recebeu em sua família a sólida educação que, naquela época, era dada às moças de famílias abastadas. Na verdade, mais tarde ela ajudou o marido muitas vezes em sua profissão de comerciante.

Esposa aos dezesseis anos de idade

Os Chopiteas se encontraram em Barcelona com amigos do Chile, a família Serra, que havia retornado à Espanha pelo mesmo motivo, a independência. O pai, Mariano Serra i Soler, vinha de Palafrugell e também havia conquistado uma posição econômica brilhante. Casado com uma jovem crioula, Mariana Muñoz, ele teve quatro filhos, o mais velho dos quais, José Maria, nasceu no Chile em 4 de novembro de 1810.

Aos dezesseis anos, Doroteia viveu o momento mais delicado de

sua vida. Ela estava noiva de José Maria Serra, embora o casamento fosse considerado um evento futuro. Mas aconteceu que Dom Pedro Chopitea teve de retornar à América Latina para defender seus interesses e, pouco depois, sua esposa Isabel se preparou para cruzar o Atlântico e chegar até ele no Uruguai com seus filhos mais novos. De repente, Doroteia se viu diante de uma decisão fundamental para sua vida: romper o profundo afeto que a unia a José Maria Serra e ir embora com sua mãe ou casar-se aos dezesseis anos de idade. Doroteia, seguindo o conselho do P. Pedro Nardó, decidiu se casar. O casamento foi realizado em Santa Maria do Mar em 31 de outubro de 1832.

O jovem casal se estabeleceu em Carrer Montcada, no palácio dos pais de seu marido. O entendimento entre eles era perfeito e uma fonte de felicidade e bem-estar.

Doroteia era uma pessoa magra e esguia, com um caráter forte e determinado. O “eu sempre te amarei” jurado pelos dois cônjuges diante de Deus se transformou em uma vida conjugal afetuosa e sólida, que deu origem a seis filhas: todas elas receberam o nome de Maria com vários complementos: Maria Dolores, Maria Ana, Maria Isabel, Maria Luísa, Maria Jesus e Maria do Carmo. A primeira veio ao mundo em 1834 e a última em 1845.

Cinquenta anos após o “sim” pronunciado na igreja de Santa Maria do Mar, José Maria Serra diria que em todos esses anos “nosso amor cresceu dia a dia”.

Doroteia, mãe dos pobres

Doroteia é a dona da casa, na qual trabalham várias famílias de funcionários. Ela é a colega de trabalho inteligente de José Maria, que logo alcança fama e renome no mundo dos negócios. Ela está ao seu lado nos momentos de sucesso e nos momentos de incerteza e fracasso. Doroteia estava ao lado do marido quando ele viajava para o exterior. Estava com ele na Rússia do Czar Alexandre II, na Itália da família Saboia e na Roma do Papa Leão XIII.

Em sua visita a Roma, aos 62 anos de idade, foi acompanhada por sua sobrinha Isidora Pons, que testemunhou no processo apostólico: “Ela foi recebida pelo papa. A deferência com que Leão XIII tratou minha tia, a quem ofereceu seu sobretudo branco como presente, ficou impressa na minha lembrança”.

Carinhosa e forte

Os funcionários da casa Serra se sentiam como parte da família. Maria Arnenos declarou sob juramento: “Ela tinha um carinho de mãe por nós, seus empregados. Cuidava de nosso bem-estar material e espiritual com um amor concreto. Quando alguém estava doente, ela cuidava para que nada lhe faltasse, cuidava até dos mínimos detalhes”. O salário pago era maior do que o dos funcionários de outras famílias.

Uma pessoa delicada, um caráter forte e determinado. Esse foi o campo de batalha no qual Doroteia lutou durante toda a sua vida para adquirir a humildade e a calma que a natureza não lhe havia dado. Por maior que fosse seu ímpeto, maior era sua força para viver sempre na presença de Deus. Foi assim que escreveu em suas anotações espirituais:

“Farei todos os esforços para que, a partir da manhã, todas as minhas ações sejam dirigidas a Deus”. “Não abandonarei a meditação e a leitura espiritual sem uma razão séria”. “Farei vinte atos diários de mortificação e outros tantos atos de amor a Deus”. “Realizar todas as ações a partir de Deus e para Deus, renovando frequentemente a pureza de intenção... Prometo a Deus purificar minha intenção em todas as minhas ações”.

Cooperadora Salesiana

Nas últimas décadas do século XIX, Barcelona é uma cidade em plena “revolução industrial”. A periferia da cidade estava repleta de pessoas muito pobres. Faltavam asilos, hospitais e escolas. Nos exercícios espirituais que fez em 1867, Dona Doroteia escreveu entre suas resoluções:

“Minha virtude favorita será a caridade para com os pobres, mesmo que isso me custe grandes sacrifícios”. E Adriano de Gispert, segundo sobrinho de Doroteia, testemunhou: “Sei que a

tia Doroteia fundou hospitais, asilos, escolas, oficinas de artes e ofícios e muitas outras obras. Lembro-me de ter visitado algumas delas em sua companhia. Quando seu marido era vivo, ele a ajudava nessas obras sociais e de caridade. Depois da morte dele, ela salvaguardou, em primeiro lugar, o patrimônio das cinco filhas; depois, seus bens pessoais (seu riquíssimo dote, o patrimônio recebido pessoalmente em herança, os bens que o marido quis registrar em seu nome), ela os usou para os pobres com uma administração cuidadosa e prudente". Uma testemunha declarou sob juramento: "Depois de ter sustentado a família, ela dedicou o restante aos pobres como um ato de justiça".

Tendo notícias de Dom Bosco, escreveu-lhe em 20 de setembro de 1882 (ela tinha sessenta e seis anos, Dom Bosco sessenta e sete). Disse-lhe que Barcelona era uma cidade "eminentemente industrial e mercantil", e que sua jovem e dinâmica congregação encontraria muito trabalho entre os meninos dos subúrbios. Ofereceu uma escola para aprendizes operários.

O P. Filipe Rinaldi chegou a Barcelona em 1889, e escreve: "Fomos para Barcelona a pedido dela, porque ela queria cuidar especialmente dos jovens trabalhadores e dos órfãos abandonados. Ela comprou um terreno com uma casa, de cuja ampliação cuidou. Cheguei a Barcelona quando a construção já havia sido concluída... Vi com meus próprios olhos muitos casos de assistência a crianças, viúvas, idosos, desempregados e doentes. Muitas vezes ouvi dizer que ela prestava pessoalmente os mais humildes serviços aos doentes".

Em 1884, pensou em confiar uma escola maternal às Filhas de Maria Auxiliadora: era preciso pensar nas crianças daquela periferia.

Dom Bosco só pôde ir a Barcelona na primavera de 1886, e as crônicas relatam amplamente a recepção triunfal que lhe foi dada na metrópole catalã e as atenções afetuosas e respeitadas com que Dona Doroteia, suas filhas, netos e parentes cercaram

o santo.

Em 5 de fevereiro de 1888, quando foi informado da morte de Dom Bosco, o Beato Miguel Rua lhe escreveu: “Nosso querido pai Dom Bosco voou para o céu, deixando seus filhos cheios de tristeza”. Ele sempre demonstrou uma viva estima e um grato afeto pela nossa mãe de Barcelona, como ele a chamava, a mãe dos salesianos e das Filhas de Maria Auxiliadora.

Além disso, antes de morrer, ele lhe assegurou que iria preparar um bom lugar para ela no céu. Naquele mesmo ano, Dona Doroteia entregou aos salesianos o oratório e as escolas populares da rua Rocafort, no coração de Barcelona.

A última entrega à Família Salesiana foi a escola “Santa Doroteia”, confiada às Filhas de Maria Auxiliadora. Para a sua compra, eram necessárias 60.000 pesetas e a senhora as entregou dizendo: “Deus me quer pobre”. Essa soma foi sua última provisão para a velhice, o que ela guardou para viver modestamente junto com Maria, sua fiel companheira.

Na Sexta-feira Santa de 1891, na fria igreja de Maria Reparadora, enquanto fazia a coleta, contraiu pneumonia. Tinha setenta e cinco anos e logo ficou claro que não conseguiria superar a crise. O P. Rinaldi foi até ela e ficou por muito tempo ao seu lado. Ele escreveu: “Nos poucos dias em que ainda estava viva, não pensava em sua doença, mas nos pobres e em sua alma. Ela queria dizer algo em particular a cada uma de suas filhas e abençoou todas elas em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, como um antigo patriarca. Enquanto estávamos ao redor de sua cama, recomendando-a ao Senhor, em um determinado momento ela ergueu os olhos. O confessor apresentou-lhe o crucifixo para que o beijasse. Nós que estávamos presentes nos ajoelhamos. Dona Doroteia se recolheu, fechou os olhos e suavemente deu seu último suspiro”.

Era o dia 3 de abril de 1891, cinco dias depois da Páscoa.

O Papa João Paulo II a declarou “venerável” em 9 de junho de

1983, ou seja, “uma cristã que praticou em grau heroico o amor a Deus e ao próximo”.

Dom Echave-Sustaeta del Villar Nicolás, sdb
Vice-Postulador da Causa do Venerável